

**SISTEMA FAEP**



# BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1274 - 08/09/2014 a 14/09/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

PECUÁRIA

# GENÉTICA CAMPEÃ

FEIJÃO

A omissão do governo Federal

OPINIÃO

Marina e o agronegócio

OVINOCULTURA

Eficiência na criação

# Aos Leitores



Debates constantes, inúmeras entrevistas, a mídia impressa e eletrônica cedendo espaços cada vez maiores às eleições que se aproximam, florescem opiniões que certamente são compartilhadas pela maioria dos brasileiros. Não faz sentido o horário gratuito dos TRES no rádio e TV, cujos segundos são disputados a peso de ouro por partidos nanicos ou em toma-lá-da-cá. Quem está no governo acha que o eleitor é bobo e que este país é um paraíso; quem está na oposição mostra o contrário.

A ideia de acabar com esse pesadelo aos ouvidos e aos olhos é boa, deve se multiplicar, sem desistir. Num trabalho do repórter André Amorim, a partir da próxima página é feito um retrato da evolução da reprodução bovina. Segundo a Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia), em 2013 foram comercializadas 14,3 milhões de doses de esperma bovino, um crescimento de 9,6% na comercialização de material genético para pecuária de leite em relação ao ano anterior, e 3% para pecuária de corte. Em 1992 foram comercializadas, em todo Brasil, 2,6 milhões de doses de sêmen para inseminação. Os produtores que desejam avançar no setor (e por dinheiro no bolso) sabem que apostar na melhoria genética dos rebanhos é a grande alternativa diante da concorrência pelo uso da terra. A matéria aborda histórias de reprodutores afamados e lembra, por exemplo, que na primeira experiência de inseminação artificial no Paraná, o touro escolhido foi aplaudido pelo desempenho.

## Índice

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| Genética na Pecuária .....            | 03 |
| Notas .....                           | 08 |
| Colégio Agrícola - Campo Mourão ..... | 09 |
| Aliança pelo Leite .....              | 10 |
| Feijão em Crise .....                 | 12 |
| Balanço da Safra .....                | 14 |
| História - Crash de 1929 .....        | 16 |
| Plante seu Futuro .....               | 18 |
| Marina e o agronegócio .....          | 20 |
| Ovinocultura .....                    | 22 |
| Cartas/Errata .....                   | 27 |
| Eventos Sindicais .....               | 28 |
| Via Rápida .....                      | 30 |

Fotos: Fernando Santos, Milton Dória, João Kobbe, Josiel Nascimento, Thainá Laureano, Divulgação e Arquivo FAEP

## Expediente

### FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

### SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

**Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon  
**Editor:** Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.



# Pecuária de ponta

Evolução das técnicas de inseminação artificial melhora desempenho do rebanho brasileiro e torna tecnologia acessível para maioria dos produtores

Por André Amorim



Touro Fajardo em pintura da holandesa Marleen Felius

O processo de melhoramento da genética bovina no Brasil tem duas faces importantes. De um lado está o aspecto folclórico e pitoresco das pistas de exposição, que imortalizaram nomes de grandes reprodutores como os touros Fajardo, Ludy de Garça e outros. De outro lado está o protagonismo dos pecuaristas brasileiros que apostaram na genética para melhorar o plantel nacional e assim elevar o país ao posto de maior exportador de carne bovina do mundo.

Se antes desta revolução um animal de exposição era considerado incrível ao chegar aos 800 quilos com cinco anos de idade,

hoje é comum encontrar touros com mais de 1.000 quilos com apenas 30 meses de vida. No leite, uma boa média de produção variava entre 4.500 e 5.000 litros por ano. Hoje essa média chega a 27 mil litros anuais, e ainda pode melhorar.

De acordo com dados da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia), em 2013 foram comercializadas 14,3 milhões de doses de esperma bovino. Este número significa um aumento de 9,6% na comercialização de material genético para pecuária de leite em relação ao ano anterior, e 3% para pecuária de corte.

Esse incremento não é novidade, nos últimos cinco anos as vendas de sêmen para inseminação artificial de bovinos cresceram numa média superior a 12% ao ano. Para efeito de comparação, em 1992, ano em que nasceu o famoso touro Fajardo, foram comercializadas, em todo Brasil, 2,6 milhões de doses de sêmen para inseminação. Hoje, em apenas uma central de inseminação, a CRV Lagoa, são comercializadas mais de 3 milhões de doses por ano.

Esse avanço é fruto de dois fatores, primeiro da evolução das técnicas de reprodução bovina, que hoje já trabalham com a clonagem de animais, e segundo da concorrência pelo uso da terra. Ou seja, para aumentar a produção de carne e leite na mesma área, é preciso investir em produtividade. “Hoje nós temos no Brasil uma pecuária empresarial, profissionalizada, com gestão”, observa o gerente executivo da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), André Locatelli. Desta

forma, muitos produtores perceberam que o investimento em genética é estratégico para melhorar o desempenho do rebanho e garantir competitividade no negócio.

Além disso, nas últimas décadas, as modernas técnicas de inseminação artificial tornaram-se bastante acessíveis, democratizando seu uso. Ano a ano aumenta a comercialização dos bancos de sêmen das centrais de inseminação. Uma dose de um touro de boa cepa sai por R\$ 20,00, com um índice de prenhez de 80%. Ou seja, ficou fácil e barato melhorar o rebanho.

## História



Aurelino Menarim foi um dos pioneiros da inseminação artificial no Brasil

Essa evolução fica ainda mais evidente quando conversamos com um dos pioneiros da inseminação artificial no Brasil. Logo que se formou médico-veterinário, em 1963, o secretário executivo do Conselho Estadual de Sanidade Agropecuária (Conesa) da Secretaria Estadual de Agricultura e do Abastecimento (Seab), Aurelino Menarim, foi contratado para melhorar o rebanho da cooperativa Castrolanda, localizada em Castro. “Os diretores queriam começar a realizar o melhoramento genético através da inseminação, que começava a dar resultado em outros países”, lembra.

Para realizar esse projeto, ele deu início à coleta de material

genético de um touro importado de nome Villeneuve (igual ao piloto canadense de Fórmula 1) já melhorado, com pai e mãe de comprovada produtividade, para emprenhar as vacas do plantel da cooperativa. Naquele tempo o sistema era semi-refrigerado, o sêmen era preparado num diluidor e guardado numa geladeira, tendo duração de apenas quatro dias. Hoje, com as modernas técnicas de refrigeração, esse material pode permanecer estocado por anos, permitindo que touros já falecidos continuem espalhando sua boa semente pelo país.

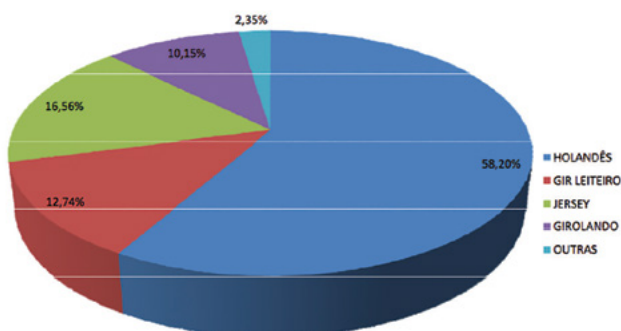
Junto com outros seis veterinários de seis Estados diferentes (PR, SC, RS, SP, MG e RJ), Menarim deu início a primeira empresa de melhoramento genético do Brasil, a PecPlan (Pecuária Planejada). “O boom da inseminação foi no Sul do Brasil”, lembra. Nesse período, ele começou a trabalhar com o congelamento do sêmen, técnica ainda inédita no país. “A primeira venda (de sêmen) foi para o rei da laranja de Barretos. Aí começou a pegar fogo todo mundo correu atrás para aprender aquela tecnologia com a gente”, recorda.

Na esteira da PecPlan vieram outras empresas, com a Tecplan, e a Cipare. Sobre esta última, o veterinário conta que vendeu sua participação acionária para a empresa ABS, do grupo norte-americano Rockfeller. “Assinei o contrato no edifício Empire State, em Nova York”, lembra Menarim. Em 1976 ele participou do lançamento do primeiro laboratório de coleta e transferência de embriões, uma técnica ainda mais avançada, inaugurado no sertão da Bahia.

“O melhoramento foi muito rápido, e muito violento”, conta o pioneiro ao se referir à velocidade com que o plantel brasileiro foi impactado pelas mudanças tecnológicas. “Hoje o Brasil tem um patrimônio de nelore que o mundo não tem. Nós encurtamos a frente do animal e esticamos a traseira, que é onde está a carne”, afirma. Com isso, hoje a genética de zebrinos no Brasil é melhor do que seu país de origem, a Índia.

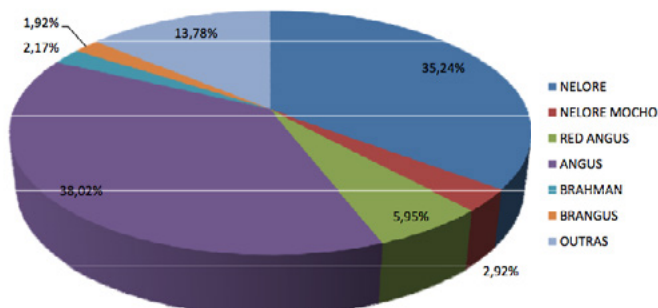
Neste processo, Menarim conta que houve certa pressão dos produtores junto ao Ministério da Agricultura para impedir que entrasse no país material genético de má qualidade, de forma a não comprometer o trabalho que já vinha sendo feito.

### COMERCIALIZAÇÃO DE SÊMEN PARA GADO DE LEITE - 2013



FONTE: ASBIA

### COMERCIALIZAÇÃO DE SÊMEN PARA GADO DE CORTE-2013



FONTE: ASBIA





O Touro Backup: recordista com 750 mil doses de sêmen comercializadas

## De pai para filho

De acordo com o gerente de corte zebu da central de genética bovina CRV Lagoa, Ricardo Abreu, hoje o Ministério da Agricultura só autoriza a comercialização de sêmen de touros com avaliação comprovada. “Os animais têm que melhorar o rebanho”, diz. Ou seja, os animais têm que ter bom currículo para vender seu material genético.

Esse atestado pode vir da consagração em uma exposição, por exemplo, ou do histórico dos pais do indivíduo. A ideia é sempre que os filhos superem os pais em qualidades, porém, o postulante só se torna um verdadeiro “melhorador da raça”, quando o resultado em seus filhos é comprovado. “O que mais tem é touro egoísta”, afirma Abreu, referindo-se aos animais que não passam suas boas características a sua prole. Ou seja, existe um desempenho particular, que é aquele confirmado através do ganho de peso do animal, produção de leite, etc., e o teste de progênese, que leva cerca de três anos para comprovar se o animal passa suas características aos seus descendentes.

Dentre as características mais buscadas pelos produtores está a precocidade dos animais, tanto na terminação quanto na reprodução. No caso da pecuária de leite, segundo o superintendente técnico substituto da Associação Brasileira dos Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (ABCBH), Cleocy Júnior, também conta a chamada “vida produtiva”, que é o tempo que o animal permanece produzindo leite.

Segundo Locatelli, da ACNB, o ideal é uma genética que reúna um conjunto de características positivas. “O ponto de equilíbrio está entre a produtividade e a pureza racial”, afirma. É aí que entra a importância das pistas de exposição, que julgam os melhores animais de acordo com as características de cada raça.

Assim também pensa o superintendente de melhoramento

genético da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), Carlos Henrique Machado. “Algumas pessoas separam animal de pista e animal de produção, para a ABCZ não se deve separar tão drasticamente”, afirma. Segundo ele a pista tem a função de mostrar o potencial máximo do indivíduo em uma condição de ambiente quase ideal. Para complementar esta avaliação, entra em campo a avaliação de progênese.

## Técnica e Tecnologia

A vida de um touro identificado como melhorador da raça se passa dentro de uma central de genética bovina. Nestes locais os animais ficam em piquetes individuais e recebem tratamento semelhante ao de uma fazenda. “Recebe volumoso e ração no coxo”, explica Ricardo Abreu, da CRV Lagoa, central que tem capacidade pra coletar material de 142 reprodutores.

A coleta de esperma acontece duas vezes por semana, em cada dia são realizados dois “saltos”, termo utilizado para descrever a coleta propriamente dita. Neste processo, o touro é primeiro excitado por vacas. Na hora da monta, o pênis do animal é desviado para uma vagina artificial onde um recipiente armazena o esperma campeão. Desta forma, mesmo com centenas de milhares de filhos no mundo, os grandes raçadores, são, via de regra, virgens.

Cada ejaculada produz entre 5 ml e 7 ml de esperma, suficiente para 500 doses. Segundo Abreu, os touros zebuínos podem continuar produzindo por até 14 anos. No caso das raças europeias, como angus, esse período é de oito a dez anos.



Paletas de sêmen bovino para inseminação

O famoso Fajardo produziu ao longo da vida 460 mil doses de sêmen. Esse índice já foi superado por outros animais. Atualmente, um touro bastante procurado nos sumários da CRV Lagoa é o Backup, um nelore que já ultrapassou a marca de 750 mil doses comercializadas e continua produzindo. Outro efeito da democratização do acesso às técnicas de inseminação artificial é que fama dos grandes reprodutores se dilui. “A construção de um ícone único fica mais difícil, temos muitos touros bons reprodutores”, observa Locatelli.

A inseminação é feita nas fazendas, onde estão as fêmeas. “O processo é simples”, explica Abreu. Se houver necessidade a central pode disponibilizar o equipamento necessário. Outra opção são os cursos do SENAR-PR na área de bovinocultura, que incluem a inseminação artificial.



A inseminação artificial é uma técnica que pode ser aprendida nos cursos do SENAR-PR

## Aplausos que ele merece...

Ao perseguir a mudança do perfil da pecuária paranaense, o ex-governador Moisés Lupion, no final da década de 50, além de apoiar a vinda de gado indiano, foi testemunha da primeira experiência de inseminação artificial no Estado. Lupion, secretários, técnicos e assessores se deslocaram até a Fazenda Canguiri, do governo, nos arredores de Curitiba, para acompanhar o tão esperado evento. O touro escolhido foi estimulado com bastante antecedência e devidamente apresentado a uma vaca escolhida entre várias pretendentes. O reprodutor não se fez de rogado e cumpriu com seu dever. Ao voltar à planície visivelmente formoso e satisfeito, foi surpreendido com um grande salva de palmas, inclusive do governador. Os registros históricos não detalham se ele mugiu em agradecimento.

## Ricardão

Paulo Pimentel, também ex-governador, promoveu no final da década de 60, a importação de centenas de nelores. Na época existia a Expotiba, feira realizada também no Canguiri, então chamado de Parque Castelo Branco. A grande atração entre animais, rodeios e cantantes sertanejos, era “Ricardão”, um touro enorme, parrudo que justificava o nome pela sua capacidade como reprodutor. Deixou milhares de descendentes, mas sua história estava escondida numa esquecida sala da sede da Seab. É a pintura que ilustra este texto.







## A Van Gogh das pastagens

A bela pintura do touro Fajardo que ilustra esta matéria é de autoria da pintora holandesa Marleen Felius. Apaixonada pelo porte elegante dos touros campeões, a artista desenvolveu ao longo da carreira uma identidade visual que lembra seu conterrâneo pós-impressionista, Vincent van Gogh. As cores que a artista tenta reproduzir em sua obra não escondem a semelhança.

Desde 1968 os bovinos são o único tema do seu trabalho. Esteve no Brasil em algumas ocasiões, nas quais retratou diversos animais, principalmente nelores e zebus. Além de encomendas de criadores, ela pintou touros e vacas que lhe chamaram a atenção. Sua técnica consiste em fotografar o animal de diversos ângulos diferentes, para mais tarde, no ateliê, criar a pintura a partir dos retratos. Esta opção deve-se ao fato de que mesmo os dóceis zebuínos brasileiros não são modelos muito obedientes, o que inviabiliza uma pintura direta do animal.

## O resgate do Zebu

### Como o gado indiano entrou no Paraná sob as barbas do contrariado Ministério da Agricultura

Nem sempre a introdução de uma nova raça bovina ocorre de maneira pacífica. Uma das histórias mais instigantes foi a impetuosa operação para a introdução do gado da raça zebu no Paraná, narrada pelo engenheiro Ayrton Lolô Cornelsen e documentada na época pela revista Panorama.

O ano era 1960 e o empresário londrinense Celso Garcia Cid estava determinado a importar da Índia exemplares de gado zebuínio para aprimorar os rebanhos paranaenses. Três anos antes ele havia recebido uma negativa do Ministério da Agricultura, que alegava que os animais indianos poderiam trazer doenças exóticas aos plantéis do Estado, podendo

causar verdadeira “calamidade pública”, uma vez que em 1921 o gado zebu levou a introdução de uma peste bovina em São Paulo.

Determinado em trazer o zebu para o Paraná, Garcia Cid, com o apoio do então governador Moyses Lupion, foi à Índia e adquiriu 320 cabeças. O embarque para o Brasil foi providenciado, porém, assim que tomou conhecimento da operação, o Ministério da Agricultura enviou forças da marinha para apreender e sacrificar o gado indiano. Garcia Cid e Cornelsen tentaram usar a boa relação que tinham com o então presidente Juscelino Kubitschek e o fato do vice, Jango Goulart, ser pecuarista, para resolver o imbróglio, mas não houve acordo. Uma corveta da marinha acompanhava o navio com a carga zebuína em águas internacionais para impedir seu desembarque em solo brasileiro.

A situação chegou a tal ponto de tensão que Lupion ameaçou romper com o governo federal. A solução encontrada foi a realização de uma quarentena dos animais em uma ilha do litoral paranaense. O local escolhido foi a ilha das Cobras, onde na época havia um presidio.

Reza o folclore registrado no site [www.lolocornelsen.com.br](http://www.lolocornelsen.com.br), do arquiteto Lolô Cornelsen, que houve a “Operação Resgate” do zebu, que pretendia substituir as matrizes indianas por outras raças, bem embaixo das barbas dos órgãos fiscalizadores do governo federal.

Periodicamente o avião Douglas IDL, do governo paranaense, teria levado à ilha das Cobras e à fragata da marinha brasileira caixas de whisky vindas do Paraguai, para “amansar” os técnicos do Ministério da Agricultura e os marinheiros. A cada viagem exemplares de “tucuras” eram trocados pelos indianos. Os importados em quarentena teriam sido, assim, internados no continente.

Ao recordar a história, o médico-veterinário Aurelino Menarim, um dos pioneiros da inseminação artificial no país, conta que Garcia Cid trouxe com a tripulação um negro benzedor, para abençoar os zebuínos. “Mesmo tendo muitas cobras na ilha, nenhuma cabeça de gado foi mordida”, lembra.

A operação foi um sucesso. Os zebuínos pastavam então, tranquilos, em solo paranaense. Começava uma nova etapa da pecuária no Estado, fruto da coragem e da inventividade de alguns paranaenses ousados.

Fonte: [www.lolocornelsen.com.br](http://www.lolocornelsen.com.br)



Garcia Cid na Índia onde foi buscar o gado zebuínio



## O vice de Marina e a agricultura

Do deputado Beto Albuquerque, deputado federal e candidato à vice-presidente da República na chapa de Marina Silva, pelo PSB, em entrevista ao site UOL/Folha de São Paulo:

### Meio ambiente/agricultura

“Hoje eu diria que 90% do agricultor brasileiro já são agricultores que sabem que tem um mercado exigente, que sabem que é preciso preservar o ambiente, que sabe que a mudança climática no país é hoje o principal empecilho para o sucesso da agricultura brasileira, e que, portanto, o respeito à questão ambiental, à exploração adequada, ela é fundamental. Tanto Marina quanto o agronegócio vêm mantendo encontros como nós fizemos agora em São Paulo como vamos fazer na Expointer, no Rio Grande do Sul”.

## Mapa sem poder político

“A mensagem que nós já passamos na época do Eduardo, que está de pé, em primeiro lugar, isso lá em maio nós dissemos às 50 principais lideranças de toda a cadeia do agronegócio: primeiro, no atual governo, o Ministério da Agricultura está sem poder político e sem o orçamento que lhe é devido. Hoje as decisões do Ministério da Agricultura estão terceirizadas para a Casa Civil, isso é um desrespeito com um setor tão importante ao PIB nacional. Precisamos empoderar esse ministério, nós precisamos qualificar esse ministério, valorizar esse ministério e ter no comando desse ministério alguém que tem o acordo do setor, de todos os setores, tenha respeito, que seja acreditado. O Ministério da Agricultura, como Saúde, Educação, Fazenda, Minas e Energia, não pode continuar no rateio, no sorteio político-partidário. Nós temos que colocar ali gente com alguma especialidade”.

## Plano para Gleisi

A exemplo do que ocorreu anteriormente (BI 1273), quando o presidente da FAEP, Ágide Meneguette e sua diretoria entregaram o “II Plano Diretor do Agronegócio” aos candidatos Beto Richa (PSDB) e Roberto Requião, no último dia 1º foi a vez da candidata Gleisi Hoffmann (PT).

O plano foi produzido por técnicos e consultores da FAEP e contém uma análise da economia paranaense e propostas para a próxima administração estadual. A candidata afirmou que analisará as propostas do setor.





# Formação diferenciada para jovens

Iniciativa desenvolvida pelo SENAR-PR em parceria com Colégio Agrícola de Campo Mourão, Coamo e Núcleo Regional de Educação tem conquistado boa adesão



com o horário das aulas regulares. São quatro módulos, o primeiro trabalha princípios básicos de Gestão no Campo, os três módulos seguintes trabalham temas práticos como operação de Trator, Plantadeira e Pulverizador.

As atividades práticas do curso são realizadas na fazenda experimental da Coamo. “Nós contribuimos com a parte estrutural do curso e o SENAR-PR disponibiliza os instrutores”, afirma o engenheiro agrônomo da Coamo, Marcelo Sumyo. Segundo ele, o objetivo da cooperativa é contribuir com essa formação, dando o suporte necessário para as experiências e visitas, disponibilizando máquinas e equipamentos para as aulas. De acordo com a pedagoga e técnica do SENAR-PR, Josiane Hornung, o objetivo do projeto piloto é estruturar o programa para estar em

No início de junho, o SENAR-PR, a Cooperativa Coamo, o Colégio Agrícola de Campo Mourão, o Sindicato Rural do município e o Núcleo Regional de Educação iniciaram um projeto piloto para oferecer aos alunos do terceiro ano do colégio o curso “Monitor em Mecanização de Grãos”, que reúne competências para monitoramento, operação e manutenção de máquinas agrícolas.

O curso não é obrigatório e não faz parte do currículo formal da escola, mas está obtendo boa adesão. Nesta primeira edição, a iniciativa reuniu 48 alunos. Segundo o diretor do Colégio Agrícola, Cléo Camilotto, apenas um aluno do terceiro ano optou por não fazer o curso. “A aceitação está sendo muito legal e o curso está sendo bastante elogiado”, conta. “Essas parcerias que nós e o SENAR-PR estamos desenvolvendo na região para valorizar e desenvolver o capital humano estão tendo muito sucesso”, afirma o presidente do Sindicato Rural de Campo Mourão, Nelson de Oliveira.

Com carga horária de 232 horas, incluindo atividades teóricas e práticas, o curso foi organizado de modo a não coincidir

plena operação no início de 2015. “O aluno participante sai do colégio como técnico agrícola e pelo SENAR-PR como monitor em mecanização de grãos. Ele vai aprender a fazer e vai saber gerir”, afirma.

Segundo o supervisor do SENAR-PR na região, Josiel Nascimento, “A iniciativa vem somar ao conteúdo passado no curso regular de técnico agropecuário, porém com uma visão em produtividade, autonomia, segurança e qualidade das atividades na manutenção e operacionalização dos equipamentos agrícola”, diz Além disso o curso tem foco em grãos, onde hoje há uma escassez de mão-de-obra de qualidade. “O intuito do SENAR-PR e da parceria com outras entidades e empresas é preparar os jovens para as necessidades do mercado”, completa.

Segundo o chefe do Núcleo Regional de Educação de Campo Mourão, José Bardini, os conhecimentos que os alunos irão adquirir no curso não estão contemplados no currículo do curso técnico de agropecuária. “Com isso, eles vão ter um diferencial no currículo, articulando teoria e prática”, afirma.

# A Aliança Láctea Sul Brasileira

PR, SC, RS formam aliança para aumentar produção de leite



O divórcio existente na produção de leite dos três Estados do Sul terminou na última terça-feira (02), durante a realização da 37ª edição da Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários (Expointer), no município de Esteio, Rio Grande do Sul. Foi assinada a Carta Aberta da Aliança Láctea Sul Brasileira. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região Sul produziu em 2012, 10,7 bilhões de litros de leite/ano ficando atrás apenas da região sudoeste que totalizou 11,5 bilhões litros/ano.

Ao contrário do que acontece no país para a obtenção e entendimentos de acordos regionais, a articulação dos três Estados do Sul para a criação da aliança regional foi ágil e eficiente. O primeiro encontro dos governadores aconteceu em Curitiba em julho desse ano. A instituição reúne os governos dos três Estados – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – e tem apoio da indústria de laticínios e entidades que representam os produtores e trabalhadores rurais. Uma das principais metas é aumentar a presença do leite produzido no Sul no resto do país e no mercado externo.

No primeiro ano, o trabalho do grupo será comandado pelo Paraná e está pautado na troca de experiências e identificação

de ações que garantam melhor qualidade e produtividade para o leite produzido na região.

## Com apoio da indústria

De acordo com o secretário de Agricultura e Abastecimento do Paraná, Norberto Ortigara, as primeiras ações podem ser adotadas ainda este ano. O fórum irá contar também com apoio de entidades de pesquisa para estabelecer melhores processos e práticas. “Já temos bons exemplos de indústrias que remuneram pela qualidade e as entidades do setor estão dispostas a adotar essa prática”, disse.

O presidente do Conseleite do Paraná, Ronei Volpi, fez uma palestra durante o evento detalhando o crescimento da produção de leite no mundo, no Brasil e na Região Sul e as estimativas do setor para o ano 2020. A produção de leite, segundo ele, já é a principal atividade econômica na região Sul, com cerca de 300 mil produtores (118 mil deles no Paraná) vinculados especialmente à agricultura familiar. A produtividade média anual por animal do Sul é de 2.500 litros.





## Disparo na produção

No período de 2000 a 2012, a produção de leite mundial cresceu 27%. No Brasil, o índice foi de 63%, e na Argentina, que tem a

atividade láctea como tradicional, o percentual chegou a 16%. Mas na região Sul a produção teve um salto de 119%. Em comum, os estados têm ainda a capacidade ociosa da indústria e características semelhantes, tanto em oportunidades como em desafios a serem enfrentados.

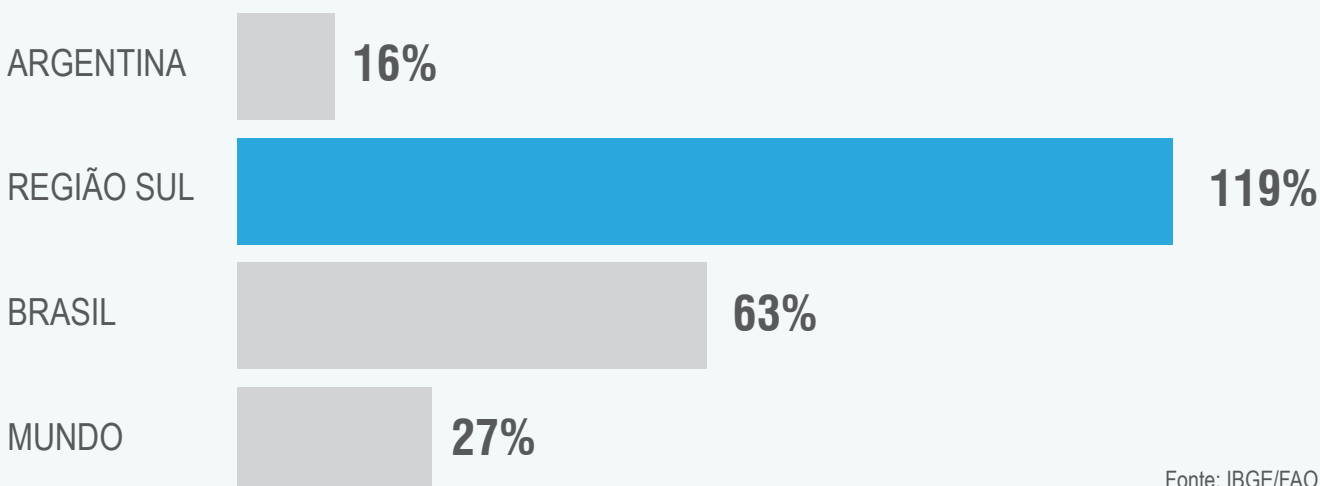
O presidente do Conseleite-PR instigou uma reflexão aos participantes apresentando uma projeção da população brasileira 2020 – 212,7 milhões de habitantes feita pelo IBGE. De acordo com os números o consumo de leite nesse mesmo ano deverá ser de 40,4 bilhões de litros para uma produção projetada de 45 bilhões de litros. Esse cenário estima um excedente de leite de 4,6 bilhões de litros. “Como vamos nos preparar para esse cenário? Precisamos lançar um olhar de proatividade sobre essas questões e definir estratégias. Esses são alguns dos objetivos da Aliança Láctea Sul Brasileira”, disse Volpi.

Ainda segundo dados do IBGE, os três Estados do Sul respondem atualmente por 33% da produção nacional, mas podem tomar a liderança nacional já em 2015. “No ano que vem, vamos nos consagrar como a maior região produtora do país”, projetou o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, Claudio Fioreze.

Os debates e definições da Aliança Láctea podem resultar em normas estaduais. “Nessa estratégia, as instruções normativas serão coisas do passado. Vamos andar à frente e ser reconhecidos pela qualidade espontânea”, sustentou Airton Spies, secretário da Agricultura de Santa Catarina.

Após o lançamento, os secretários da Agricultura dos três Estados e o governador em exercício de Santa Catarina, desembargador Nelson Juliano Schaefer Martins, assinaram a Carta Aberta da Aliança Láctea Sul Brasileira.

## VARIAÇÃO % DA PRODUÇÃO DE LEITE (2000 a 2012)



Fonte: IBGE/FAO

# Feijão: a crise continua...

Governo federal desestimula produtores



Lourival Roberto da Silva de Goes: "A presidente gosta de feijão, mas na verdade, ela não gosta do produtor rural"

No final de agosto (27), o produtor de feijão e presidente do Sindicato Rural de Ivaiporã, Lourival Roberto da Silva de Goes, resolveu sentar no sofá da sala para assistir ao Jornal Nacional (JN) e foi surpreendido com algumas imagens do noticiário político. A presidente e candidata à reeleição, Dilma Rousseff estava ao lado do ex-governador e candidato ao governo do Estado do Rio, Anthony Garotinho, almoçando num restaurante comunitário de Bangu, na zona Oeste da cidade.

Na reportagem, Dilma aparece degustando um prato com a popular combinação: feijão e arroz. Ao mesmo tempo em que a candidata é vista saboreando um alimento tão comum na mesa do brasileiro, os produtores de feijão, especialmente de cor, se veem diante de uma situação difícil e complicada. Preços baixíssimos e muito aquém do custo de produção. "Deu para perceber que a presidente gosta de feijão, mas ela não gosta do produtor rural. Não dá o devido o valor e não se preocupa com o nosso setor. Nesse momento só está preocupada com a sua campanha", criticou Lourival.

Segundo ele, a situação está crítica na sua região, a crise já se reflete no comércio local e a maioria dos produtores acumulou dívi-

das junto aos bancos. O dono da cerealista Raizama, Marcos Antônio Vicente, contou que acumula 40 mil toneladas de feijão paralisadas no seu armazém. "Não há para quem vender o produto e nem onde armazená-lo. Ao longo de 25 anos que trabalho com feijão nunca tinha visto uma crise tão grande", relatou, acrescentando que comprou feijão pela última vez há duas semanas e pagou R\$ 20,00 pela saca de 60 quilos. "Por que o governo anunciou um preço mínimo e liberação de recursos, mas ainda não fez nada disso? Isso é uma vergonha!", lamentou.

Na região de Castro, que concentra a maior produção de feijão de cor no Estado (45 mil toneladas na safra 2011/2012, segundo IBGE), a realidade dos produtores não é diferente do restante do Paraná. O produtor Eduardo Medeiros lamenta a situação: "O governo estabeleceu o preço mínimo de R\$ 95,00 e isso está declarado no PAP, mas não cumpriu e deixou o produtor no prejuízo. A presidente Dilma usou boa estratégia: estimulou o plantio, aumentou a oferta do produto no mercado e deixou o feijão 'baratinho' em ano de eleição", avaliou Eduardo.





Eduardo Medeiros lamenta a situação: "A presidente Dilma usou boa estratégia: estimulou o plantio, aumentou a oferta do produto no mercado e deixou o feijão 'baratinho' em ano de eleição"

## Recursos

Desde janeiro os produtores acumulam prejuízos e até agora o governo não fez nada para mudar a situação. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) liberou para a comercialização, no final de maio, recursos de R\$ 2 milhões para o Paraná, volume pequeno e insuficiente que garantiu apenas a venda de 1,2 mil toneladas. Além disso, os R\$ 20 milhões disponibilizados em junho resultaram no apoio de menos de 3% da segunda safra e já terminaram.

Diante dessa situação crítica, a FAEP encaminhou no último dia 4 de agosto, um ofício à presidência e ministérios pedindo a liberação imediata de recursos de R\$ 70 milhões para a comercialização de feijão no Paraná - R\$ 35 milhões para agosto e R\$ 35 milhões em setembro. Em resposta ao documento, a Conab sinalizou a liberação de recursos, mas impôs uma série de critérios, conforme foi publicado na edição nº 1270 do Boletim Informativo (<http://issuu.com/sistemafaep/docs/bi1270/0>).

De lá para cá, nada mudou. Produtores relataram ao BI que entraram em contato com a Conab, entretanto, o órgão só "enrola" quando o assunto é a comercialização do feijão. "A gente procura o pessoal da Conab e ninguém fala nada, só transferem o problema para a frente", contou Marcos Antônio.

Até o fechamento desta edição, a equipe do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, que sistematicamente vem cobrando uma posição da Conab, entrou em contato com a Conab e não havia nenhuma previsão de liberação de recursos. Segundo o Deral, as estimativas apontam que ainda existem 100 mil toneladas de feijão, cerca de 23% da produção da segunda safra, disponíveis em estoques no Estado.

## Menos plantio

O desânimo dos produtores com a política do governo federal já se reflete na próxima safra de feijão. No momento em que muitos agricultores começam a planejar o plantio da próxima safra ou até mesmo semear a terra em algumas regiões, tem gente encolhendo a área de feijão. É o caso do produtor Laurentino Roberto da Silva de Goes, que encolheu em 50% (hoje 24 hectares).

Além disso, o mercado projeta uma área semeada de cerca de 200 mil hectares (38 mil hectares a menos que 2013/14) no Paraná, relata o analista da Correpar, Marcelo Lüders.

## Números

Dados divulgados pela Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab), mostram que a produção de feijão da segunda safra atingiu o maior número dos últimos sete anos, 401 mil toneladas - volume 18% maior na comparação com a última safra. O rendimento está 14% maior passando de 1.337 quilos por hectare, registrados na safra anterior, para 1.521 quilos por hectare nesse ano. Com esse resultado, a produção de feijão correspondente às três safras cultivadas no Estado soma 808 mil toneladas, 20% a mais que a oferta de feijão no ano passado. Assim, são 134 mil toneladas de feijão a mais para comercialização, só esse ano no Paraná.

# Safra boa, comercialização complicada

Seab/Deral estima 36 milhões de toneladas de grãos na safra 2013/14



Com as lavouras de trigo caminhando para a reta final, o Departamento de Economia Rural (Deral) prevê que a safra total de grãos do Paraná atingirá 36 milhões de toneladas, considerando o resultado das lavouras de verão, de inverno e a segunda safra. O volume é menor em relação ao desempenho da safra de grãos 2013/14, que totalizou 36,5 milhões de toneladas.

Apesar de uma boa safra, os preços de comercialização não estão agradando o produtor. O mercado está influenciado pelos estoques internacionais de commodities que foram recompostos. Esse é um dos fatores que está contribuindo para que o ritmo das vendas ocorra de forma mais lenta.

Com isso, o que se vê é o aumento da armazenagem de grãos nas propriedades, cooperativas, cerealistas e produtores mais cautelosos. Eles estão acompanhando atentamente o mercado, liquidaram seus compromissos e aguardam a melhor hora para vender a produção.

Segundo o Deral, essa será também a tendência para a sa-

fra de grãos 2014/15, que começa a ser plantada agora. Os estoques mundiais de grãos estão sendo recompostos e o produtor tem que planejar bem a comercialização, estudar e acompanhar o mercado, aproveitando os momentos mais favoráveis para reduzir o risco das variações de preços.

O bom desempenho das lavouras de trigo e de milho da segunda safra estão compensando as perdas de 2 milhões de toneladas de soja no verão. Cerca de 87% das lavouras de milho da segunda safra já estão colhidas, devendo atingir um volume de 10,2 milhões de toneladas. Com isso, as duas safras de milho, primeira e segunda, totalizam 15,67 milhões de toneladas, cerca de 10% inferior ao ano passado.

O destaque da segunda safra de milho é o aumento da produtividade, que está 13% acima da safra colhida em igual período do ano passado. Este ano, a média de produtividade é de 5.400 quilos por hectare. No ano passado foi de 4.800 quilos por hectare, influenciada por geadas e chuvas excessivas.

Entre o volume de milho colhido na primeira e segunda sa-



fra, há quase 9 milhões de toneladas armazenadas no Paraná, aguardando decisão do produtor sobre a melhor hora de vender. Só nas propriedades rurais e de armazéns privados estima-se que houve um aumento de 300 mil toneladas na capacidade de armazenagem.

## Trigo

O Paraná deverá colher neste ano 3,97 milhões de toneladas de trigo, a maior safra da história do Estado, conforme o relatório do Deral, da Secretaria Estadual da Agricultura e do

Abastecimento. A safra quebra um recorde de 27 anos, pois até então, a maior produção registrada era a de 1987, com 3,3 milhões de toneladas.

O levantamento, correspondente ao mês de agosto, indica que a oferta de grãos em setembro poderá atender toda a demanda de um mês de consumo do Brasil. Cerca de 4% das 3,97 milhões de toneladas já foram colhidos. A colheita se intensificará em setembro, devendo atingir cerca de 40% do volume de produção estimado. As condições climáticas estão boas e, se elas forem mantidas, a tendência aponta para uma boa safra, diz o relatório. O que não está nada bom é a comercialização do cereal (veja box)



## Faep pede apoio à comercialização do trigo

Mais da metade da produção (52%) nacional de trigo, equivalente a 3,9 milhões de toneladas estão sendo colhidas nos campos do Paraná. Apesar das excelentes estimativas de produtividade, os produtores seguem preocupados com a comercialização da safra.

De janeiro a junho foram importadas 3,47 milhões de toneladas do cereal. Desde a equivocada isenção da Tarifa Externa Comum (TEC) para o produto importado de países não integrantes do Mercosul, em junho, o preço médio recebido pelo produtor no Paraná teve redução de 23% até agosto, conforme dados da Seab-PR.

O preço médio atual é de R\$ 31,76 por saca e já está abaixo do preço mínimo estabelecido pelo governo federal de R\$ 33,45 por saca. Em algumas regiões o preço negociado chegou a R\$29,00. É importante destacar que, além desse preço aviltante, registra-se que a falta de compradores é o principal problema nas regiões produtoras com a colheita mais avançada no Estado, em razão da for-

mação de estoques dos moinhos brasileiros, com trigo importado da Argentina, Uruguai e Paraguai, mas também em função da entrada de trigo dos EUA e Canadá isento de TEC pelo governo federal.

Logo, os produtores plantaram a safra com elevados custos de produção, que subiram em média 10% de acordo com os dados da Conab, e no momento da comercialização da safra paranaense os preços estão desvalorizados, sem perspectiva de recuperação ou sem compradores para o produto.

Esse cenário está descrito em ofício encaminhado no último dia 02 pelo presidente da FAEP, Ágide Meneguette, aos ministros da Agricultura e Abastecimento e suas secretarias, Desenvolvimento Agrário, Casa Civil, ao Ministério do Planejamento e Fazenda.

No documento, Ágide solicita o “apoio à comercialização de 1,5 a 2 milhões de toneladas no Estado por meio de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (PEPRO) e Aquisições do Governo Federal (AGF). O imediato apoio à comercialização do produto indicará o apoio ao produtor nesse momento, assegurando-lhe alguma sustentação do preço para os próximos meses”.

# A GRANDE DEPRESSÃO DE 1929

O “crash” em Nova Iorque e os efeitos no Brasil



Há 85 anos, em 24 de outubro de 1929 aconteceu a “Quinta Feira Negra”, quando 16 milhões de títulos foram colocados à venda na Bolsa de Nova Iorque e ninguém quis comprar. Os preços dos papéis desabaram, a queda se acelerou e no começo de novembro os títulos perderam praticamente a metade de seu valor.

O presidente norte-americano, Herbert Hoover, afirmava tratar-se de uma simples recessão. “Comprem. A prosperidade está na próxima esquina”, dizia ele. No início de 1930 as cotações melhoraram e os grandes especuladores despejaram no mercado os títulos que possuíam. Novo pânico se instalou arruinando pequenos investidores que pagavam prestações de empréstimos pela compra de ações, que já não tinham valor. Suicídios aconteciam, famílias se desagregavam. As ações da US Steel a mais poderosa corporação de siderurgia deixou de valer US\$ 250.00 passando a US\$ 22.00, por exemplo, e as da Chrysler que valiam US\$ 135.00 foram reduzidas a míseros US\$ 5.00. Era o “crash”, a depressão que afetaria a economia de todo o mundo.

O Brasil exportava apenas café e outros produtos agrícolas, como algodão, cacau e borracha. Como não eram produtos essenciais para o consumidor – portanto, suas compras poderiam ser interrompidas a qualquer hora -, dizia-se que o país tinha uma “economia de sobremesa”. A moeda forte obtida com essas exportações servia para pagar as importações de boa parte dos produtos industrializa-

dos consumidos pelos brasileiros. O aprofundamento da crise, porém, provocou a redução da demanda externa e a queda dos preços internacionais do café. Com isso, o déficit comercial do país cresceu rapidamente.

As exportações, que atingiram US\$ 445 milhões em 1929, caíram para US\$ 180 milhões em 1930. Segundo a Bolsa de Café de Santos, a cotação da saca no mercado internacional – 200 mil-réis em agosto de 1929 – caiu quase 90%, para 21 mil-réis, em janeiro de 1930. Getúlio Vargas que acabara de sair vitorioso de uma revolução naquele ano, impôs um rígido controle sobre o câmbio e passou a administrar com rigor as remessas de lucro por empresas estrangeiras. Na tentativa desesperada de compensar os cafeicultores, o governo Vargas aumentou as compras dos excedentes de café durante praticamente toda a década de 30.

Há registros que em junho de 1931, uma nuvem de fumaça gigantesca pairava sobre a cidade de Santos, por onde escoava boa parte das exportações do café brasileiro. Era a queima de milhões de sacas de café, a mando de Getúlio, para tentar controlar os preços que despencavam no mercado. Mas a queima também em outras regiões duraria meses. Nas fazendas cafeicultoras, concentradas no interior paulista e em menor número no Paraná, muitos resolveram seguir o mesmo caminho e queimaram o café colhido.



## Os males do intervencionismo estatal

Todos os envolvidos na cadeia de produção do café brasileiro – fazendeiros, comerciantes, banqueiros e trabalhadores rurais (a maior parte imigrantes) – foram atingidos pela crise. Muitos produtores foram à bancarrota. O desemprego no campo se multiplicou, estimulando um movimento migratório para as cidades, em especial para São Paulo. Como se veria depois, o que acontecia naquele momento era apenas o início de um profundo processo de mudanças que se prolongaria até o fim dos anos 30, às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

O déficit nas contas externas se aprofundou ainda mais e obrigou o Brasil a suspender os pagamentos da dívida externa em 1938 e 1939. Tal medida voltaria a ser adotada em 1987, meio século depois, nos tempos do Plano Cruzado, no governo do presidente José Sarney.

A estratégia do governo Vargas para enfrentar a crise baseou-se principalmente na substituição das importações, por meio do desenvolvimento da indústria local, e na intervenção do Estado na economia. De acordo com o economista Celso Furtado (1920-2004), ex-ministro do Planejamento no governo João Goulart (1962-1964), a economia cafeeira, embora em decadência, gerou os recursos necessários para impulsionar a industrialização e favoreceu o desenvolvimento de um mercado interno, formado pela mão de obra assalariada dos imigrantes e pelos produtores rurais e suas famílias.

A política econômica de Vargas foi reforçada por dois fa-

tores externos. O primeiro foi o “New Deal”, um pacote de medidas para reativar a economia americana lançado em 1933 pelo presidente Franklin Delano Roosevelt. O segundo foram as teorias do economista britânico John Maynard Keynes (1883-1946), delineadas em seu livro Teoria geral do emprego, do juro e da moeda-, publicado em 1936. Tanto Roosevelt quanto Keynes defendiam a atuação do Estado para estimular a atividade econômica.

Vargas promoveu a criação em série de empresas estatais. Entre elas, fundou a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), privatizada em 1993, e a Companhia Vale do Rio Doce, privatizada em 1997. Em seu segundo mandato, Vargas voltou a investir na criação de estatais, incluindo a Petrobras.

O modelo econômico adotado por Vargas para combater os efeitos da crise de 1929 pode até ter trazido bons resultados em sua época. Mas, hoje, no mundo globalizado em que vivemos, suas ideias – baseadas no intervencionismo e no nacionalismo paternalista – curiosamente repetidos no governo Dilma, resultam em números cada vez mais piores na economia brasileira. O resumo pode ser descrito pelo crescimento pífio do PIB nos últimos três anos e a perspectiva de meros 0,5%.

Os historiadores classificam que o protecionismo e o estatismo adotados por Vargas para combater os efeitos da crise de 1929 favoreceram o desenvolvimento de um parque industrial no Brasil. Mas também geraram distorções, como a ineficiência das empresas, o encarecimento dos produtos por falta de concorrência internacional e o desestímulo à inovação. A estatização e o protecionismo tendem a estimular também o descontrole das contas públicas, a corrupção, o empreguismo e o tráfico de influência.



# Plante Seu Futuro

Campanha entra em nova etapa para reduzir aplicações de produtos químicos nas lavouras



Com o início do plantio da safra 2014/15, a campanha Plante Seu Futuro, lançada com sucesso no ano passado, entra numa nova etapa de execução. Desta vez vai concentrar esforços em sensibilizar o produtor rural para a importância da gestão de solo e água, controle de formigas cortadeiras e o manejo integrado de culturas que reúne o controle de pragas, de doenças, de plantas invasoras e tecnologia de aplicação e controle de perdas na colheita.

Outro diferencial, é que a campanha vai manter sua abrangência estadual, mas vai concentrar ações em quatro macro-regiões: Ponta Grossa, Cascavel, Maringá e Londrina com atividades específicas e adaptadas às condições de cada uma delas.

Serão implantadas cerca de 200 unidades de referência, propriedades que serão controladas pelos parceiros da campanha como Emater, Embrapa, Iapar, cooperativas e prefeituras, para demonstrar que com monitoramento é possível reduzir em até um terço as aplicações de produtos químicos nas lavouras, como fungicidas, herbicidas, inseticidas e outros defensivos.

A campanha chama a atenção para as boas práticas de produção da agricultura como plantio direto com qualidade, rotação de culturas, terraceamento e outras. O objetivo é que o agricultor só venha a utilizar esses produtos na hora e no momento certo, quando

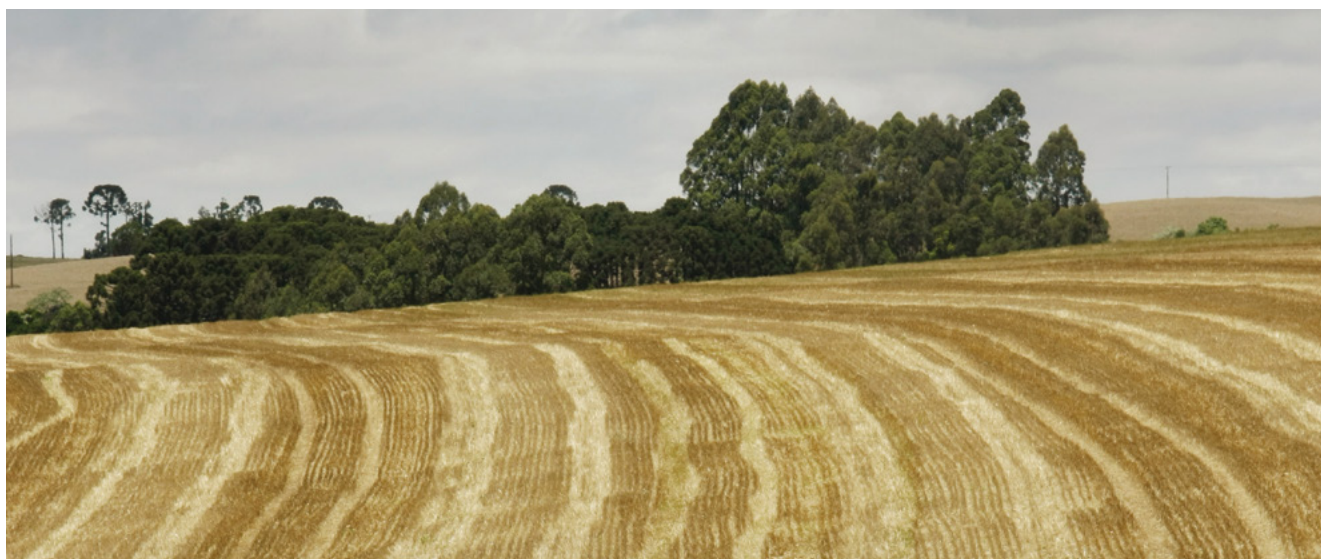
ele verifica que há perdas econômicas significativas.

Para minimizar a incidência de pragas e doenças, existe tecnologia para acompanhar o monitoramento que deve ser feito pelo agricultor na lavoura. A principal delas é que o agricultor resgate o conhecido pano de batida, onde ele faz a captação de possíveis insetos, lagartas e esporos. O produtor conta o número de insetos coletados no pano e faz uma projeção para toda a lavoura plantada, deduzindo se é o momento de aplicar produtos químicos ou não.

“Tem produtor que ao ver o primeiro inseto ou sinal de doença na lavoura já aplica veneno e isso não é bom, porque acabam adquirindo resistência e depois fica difícil controlar infestações ou doenças causadas por eles”, explicou José Tarciso Fialho, coordenador da campanha Plante Seu Futuro, na Secretaria da Agricultura e do Abastecimento.

A campanha Plante Seu Futuro orienta o agricultor a aplicar o produto somente quando houver dano econômico à lavoura. Para isso, inicialmente o agricultor deve procurar o auxílio de um profissional a campo que pode ser um técnico do poder público ou da iniciativa privada que vai ajudá-lo a tomar a decisão de aplicar ou não o agrotóxico na hora certa. Depois disso o agricultor vai aprender a monitorar sua lavoura sozinho.





### Helicoverpa Armígera

Na safra passada, graças a esse monitoramento, teve agricultor em unidade demonstrativa que fez a primeira aplicação de agrotóxico aos 50 dias de desenvolvimento da lavoura, quando em plantios convencionais, a média de aplicação acontece entre o 22º e o 23º dia, o que faz com que o agricultor gaste muito mais para aplicar esses produtos durante todo o ciclo produtivo.

Outro exemplo dado por Fialho corresponde a um bom exemplo de como o Paraná conseguiu controlar a lagarta *Helicoverpa Armígera*, que aterrorizou os agricultores na safra passada. Outros Estados chegaram a decretar estado de emergência para importar novas fórmulas de agrotóxicos, sem terem passados por testes de eficácia no país, com o objetivo de combater a lagarta.

No Paraná, o secretário da Agricultura e do Abastecimento, Norberto Ortigara, não concordou em atender pedido do setor produtivo para decretar o estado de emergência e pediu empenho dos técnicos do governo e da iniciativa privada na campanha Plante Seu Futuro. Com monitoramento na lavoura foi possível demonstrar que a lagarta de tão temida passou a quase inofensiva. Um estudo da Embrapa, Emater e Iapar demonstrou que a *Helicoverpa Armígera* tem muitos inimigos naturais e que morre por si só, sem necessidade de aplicações indiscriminadas de agrotóxicos.

Testes de laboratório comprovaram que 80% das lagartas coletadas já chegavam infectadas pela ação dos inimigos naturais como bactérias, fungos ou moscas. Esses são “amigos naturais” que devem ser preservados, evitando-se as aplicações de agrotóxicos ao máximo. A campanha Plante Seu Futuro foi lançada em 2013 pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento e os parceiros Emater, Iapar, Adapar, Embrapa Soja, Itaipu, FAEP, Fetaep e Ocepar. No ano passado foram implantadas mais de 100 unidades de referência que

apresentaram resultados animadores.

A campanha concentrou esforços no controle e monitoramento da incidência de pragas e doenças nas lavouras de soja e milho e a média de aplicações de agrotóxicos foi reduzida à metade, que correspondeu a uma economia em torno de R\$ 500,00 por hectare na safra 2013/14.



# Marina e o agronegócio

Por Marcos Sawaya Jank



Marina Silva aproximou-se do agronegócio na última semana. Esteve numa importante feira do setor sucroenergético, jantou com 60 lideranças na sexta-feira e seus assessores vêm dialogando com pessoas-chave do setor.

Todos sabem que o agronegócio viveu momentos de atrito com Marina no período em que ela foi ministra do Meio Ambiente. Exemplos são os embates em torno do Código Florestal e o zoneamento da soja transgênica, num momento em que produtores gaúchos plantaram variedades argentinas que ainda não haviam sido apro-

vadas no Brasil. Já se passaram dez anos.

Desde então, a Comissão de Biossegurança autorizou um amplo uso de sementes transgênicas no Brasil, a exemplo do que vem ocorrendo em quase todo o mundo. O novo Código Florestal virou lei em maio de 2012 e hoje há total consenso entre o agronegócio e a comunidade ambiental de que o desafio é implementar mais rapidamente o que foi definido.

Tendo participado de diversas conversas com Marina e seu grupo nos últimos cinco anos, permito-me fazer aqui uma análise das perspectivas dos temas

do agronegócio à luz do seu programa de governo, recém-divulgado. O programa reconhece a competência dos produtores brasileiros, os ganhos de produtividade alcançados, o fato de o país dispor da melhor tecnologia tropical do planeta e o papel salvador que o setor desempenhou na garantia do equilíbrio das contas externas. Em síntese, os principais destaques do programa são:

**1) Políticas tradicionais** - taxas de juros mais baixas para a agricultura; continuidade das políticas de aquisição de alimentos,



preços mínimos e estoques reguladores; ampliação de programas de seguro rural, cobrindo riscos climáticos e de renda; reforço das estruturas de pesquisa e controle sanitário; avanço no zoneamento agroecológico e melhorias na legislação trabalhista.

**2) Acordos internacionais** - ampliação dos acordos de comércio com os países mais relevantes para o agronegócio, independentemente do Mercosul.

**3) Plano ABC** - o Plano de Agricultura de Baixo Carbono ganhará prioridade, recebendo mais recursos para estimular o manejo e a recuperação de pastagens e áreas degradadas e buscar a meta de “desmatamento zero”.

**4) Governança dos ministérios da área** - segundo o texto, no mundo inteiro o Ministério da Agricultura também cuida de questões fundiárias, de florestas plantadas e da pesca. “No Brasil temos quatro ministérios cuidando desses temas, disputando o mesmo orçamento e prestígio junto ao Palácio do Planalto, ao Legislativo, à mídia e à sociedade em geral. Ainda interferem no agronegócio mais uma dezena de ministérios e duas dezenas de agências correlatas. É preciso enxugar esse emaranhado de órgãos federais que engessam as ações para o setor rural”.

**5) Política energética** - o diagnóstico e as diretrizes apresentados são claros e corretos. O ponto de maior destaque é a prioridade de recuperar e revitalizar a produção de biocombustíveis e bioeletricidade, que não deveriam ficar a reboque da intervenção estatal em razão de políticas de controle artificial de preços da gasolina. “A intervenção do governo no setor deveria ser mínima e as regras para o desenvolvimento da energia de biomassa devem ser previsíveis e transparentes.”

**6) Infraestrutura e logística** - o programa propõe ampliar e acelerar concessões, par-

cerias público-privadas e investimentos, aprimorando os marcos regulatórios, diversificando modais de transporte e aprimorando o diálogo com os investidores.

O programa traz temas que devem gerar embates com o setor, mas podem perfeitamente ser tratados de forma racional pelo Executivo pelo Legislativo: O texto reconhece a queda expressiva do desmatamento em áreas de floresta, mas menciona seu avanço em certas áreas do cerrado, afirmando “que a agropecuária brasileira não precisa mais avançar sobre novas áreas de vegetação nativa para duplicar ou até triplicar sua produção”.

Creio que o agronegócio concorda plenamente com a necessidade de eliminar o desmatamento ilegal em todos os biomas. Defende, porém, o desmatamento legal de áreas férteis sob cerrado, seguindo estritamente o novo Código Florestal. A solução do “desmatamento líquido zero” - desmatamento legal de áreas com aptidão agrícola compensado por reflorestamento incentivado de áreas sem aptidão - pode ajudar a resolver a questão.

A atualização dos indicadores de produtividade agrícola relacionados com o diagnóstico da função social da propriedade rural, que permitiria rápida desapropriação de terras nos casos previstos em lei ou prêmio para quem faz uso correto da terra.

A demarcação de terras indígenas e quilombolas, prevista na Constituição, mas que causa discórdias com os agricultores nas áreas onde há disputas. Na minha modesta opinião, o programa atende às principais expectativas do agronegócio. Ele diz ainda que a agropecuária tem uma agenda própria, que será considerada pelo novo governo, reconhecendo-se a importância do setor para o país.

Marina afirmou ainda que o programa divulgado é um “projeto em

construção” que será revisado sempre que necessário (como, aliás, já o foi no fim de semana).

Precisamos acabar com a falsa dicotomia que tem colocado agricultura e meio ambiente em lados opostos. O agronegócio global só sobrevive com desenvolvimento sustentável. Ele terá de produzir alimentos, bebidas, têxteis, papel, borracha e bioenergia para mais 9 bilhões de habitantes em 2050. Terá de gerar renda para quem nele trabalha e enfrentar crescentes restrições de recursos naturais e clima.

O mundo deposita enorme esperança no Brasil para servir como exemplo global na conciliação de questões econômicas, sociais e ambientais na agricultura. Nossa história recente mostra que estamos em posição bem melhor do que qualquer outro país para dar esse salto.

Ou seja, há muito mais convergências do que divergências entre as agendas do agronegócio moderno e a agenda de gestão sustentável dos recursos naturais propostas por Marina Silva.



Marcos Sawaya Jank é Diretor global de Assuntos Corporativos da BRF e foi presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar e (Unica)

Publicado em  
O Estado de São Paulo – 02.09.2014

# Eficiência na Ovinocultura

A produção de carne de cordeiro da Castrolanda como alternativa de renda

Por Katia Santos



Uma alternativa de diversificação e renda para os produtores rurais, principalmente aqueles que têm propriedades com topografia irregular é a produção de ovinos. A Cooperativa Castrolanda, que reúne 782 cooperados, iniciou em 2007 o projeto Estruturação da Cadeia Produtiva de Ovinos com 13 produtores e pouco mais de 400 matrizes. Hoje o grupo é composto por 34 cooperados e um plantel de 8.000 matrizes, que produzem carne de alta qualidade.

Mas implantar uma segunda atividade na propriedade rural requer planejamento e conhecimento técnico. Nesse sentido o SENAR-PR oferece vários cursos de gestão rural, que auxiliam o produtor a gerenciar e a planejar a ampliação de suas atividades buscando mais remuneração. Um deles é o Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris – Gestão Rural – básico - com carga horária de 40 horas. O curso inclui aulas teóricas e visitas às propriedades dos participantes.

Um dos participantes do curso é o empresário e produtor rural Marcio Villela, residente em Curitiba, com propriedade em Campo Largo (29 km de Curitiba). A participação no curso foi estimulada

pela cooperativa que reuniu um grupo de 16 produtores. Atuando há 26 anos na área de Tecnologia da Informação e Comunicação, há dois anos ele iniciou o planejamento para implantação da ovinocultura nas duas propriedades rurais, de topografia bem acidentada e que somam 133 hectares.

“Minha primeira preocupação foi com a produção de alimento. Depois os equipamentos necessários para a produção da silagem; a Forma de criação onde optamos pelo confinamento e por fim a compra dos animais”, diz Villela.



O vínculo de Villela com o meio rural vem desde a infância quando passava as férias na casa dos avós, produtores de grãos, em Sertaneja, no Norte paranaense.

Mas para entrar na atividade de forma sustentável o produtor decidiu aderir ao modelo cooperativista com a Castrolanda. Antes dos ovinos, sua atividade rural estava focada apenas no reflorestamento em função da topografia da propriedade. Agora, além da produção de madeira, ele organizou o plantio para o fornecimento de alimentação para o rebanho e produz carne de alta qualidade.

“Após uma série de estudos e análises concluí que o confinamento seria o melhor modelo a ser desenvolvido. A partir das áreas disponíveis para plantio, dimensionamos a quantidade de alimento possível de ser produzido e o tamanho ideal do rebanho. Também priorizei o lay-out do galpão de confinamento, a mecanização da colheita e a produção de silagem. Sempre com foco na eficiência e maior produtividade em cada etapa operacional e, por fim, a aquisição das primeiras matrizes e reprodutores”, diz Villela.

Para a produção de silagem ele conseguiu adequar 10 hectares de uma das propriedades para o cultivo mecanizado e alternado de milho/aveia/capim napier. Na outra propriedade ele construiu uma “cabaña” com 1.450m<sup>2</sup>, divididos em baias que hoje abriga 380 animais. O projeto contou com financiamento do Banco do Brasil para compra de equipamentos e dos animais.

### As baias são divididas em cinco áreas:

- **1)** Baia Maternidade para animais em lactação, comportando dois espaços integrados. O primeiro é um local com espaço exclusivo onde ficam as ovelhas que pariram e os recém-nascidos por até três dias. Nesse período além de estreitar a atenção da matriz com sua cria, o umbigo é tratado; o animal é identificado e pesado. Essas baias são conectadas a um espaço maior onde os cordeirinhos ficam com as mães até serem desmamados com 70 dias.
- **2)** Baia para as ovelhas em início de gestação;
- **3)** Baia para animais que estão para cobertura. Cada reprodutor fica isolado com 40 fêmeas. O cruzamento é a monta natural. Após a confirmação da monta, a propriedade recebe a visita de um técnico da cooperativa que faz o exame de ultrassom, que acontece após 30 dias.
- **4)** Uma baia só para recria onde as fêmeas ficam até oito meses para ganhar peso.
- **5)** Outra baia só para machos em engorda onde ficam até os cinco meses para atingirem 42 quilos e aí são encami-

nhados para abate.

A divisão por baias é feita para administrar a alimentação que é oferecida três vezes por dia e diferenciada por categoria. Cada estágio da produção exige um suplemento alimentar diferenciado. Como a propriedade está a 150 quilômetros da sede da cooperativa, o produtor optou em produzir na propriedade a ração balanceada para os animais adultos, reduzindo o custo com o transporte. “É preciso atenção especial com cada detalhe na busca de melhor rentabilidade”, argumenta Villela.



Para acompanhar a monta dos reprodutores eles recebem uma tinta especial no peito. Quando a monta ocorre ele mancha naturalmente a fêmea. A cor da tinta é trocada a cada 15 dias.

Todos os processos de reprodução e manejo dos animais são acompanhados de perto pelo zootecnista Michel Basso. As informações de nascimento são registradas em um formulário individual de cada animal e depois repassadas para o computador. Esse formulário indica o dia, o funcionário que acompanhou o parto, a habilidade da cria em cuidar do cordeiro pós-nascimento, se a fêmea teve auxílio na hora do parto e se aceitou amamentar.

“Com esse sistema controlamos os indicadores de cada reprodutor, matriz e cordeiro gerado. Assim conseguimos ter um controle de qualidade apurado e de seleção dos animais que apresentam os melhores resultados”, explica Basso.



Área especial na Baía Maternidade onde as ovelhas dão cria e ficam isoladas com o cordeiro após o parto por três dias. Esse contato é fundamental para o desenvolvimento do cordeiro e recuperação da matriz.

**“A baía maternidade e os ‘aposentos’ individuais são fundamentais para o bom entrosamento da mãe e do recém-nascido. Investir nesse entrosamento é fundamental para o sucesso econômico da atividade”, completa Villela.**

Entre os indicadores observados pelo zootecnista estão: a curva de crescimento; escore corporal quando o produtor consegue o equilíbrio entre o manejo alimentar e a viabilidade econômica da atividade; taxa de prenhez/fertilidade, taxa de mortalidade e habilidade materna. Esse último item, segundo o profissional tem uma relação direta com o retorno que o produtor terá com o investimento. Quando uma matriz abandona seu cordeiro, ele não consegue se desenvolver plenamente e acaba morrendo.

“Por isso a baía maternidade é fundamental na relação

da ovelha e o cordeiro recém-nascido. Investir nesse procedimento é fundamental para o sucesso econômico da atividade, além do uso de tecnologias, qualificação profissional, genética e nutrição”, completa Villela.

A produção de ovinos para comercialização de carne de alta qualidade começou nessa prosperidade com 100 matrizes e completa um ano com 380 animais, sendo 250 matrizes. “Já entregamos alguns lotes pequenos de animais para o abate na cooperativa. Mas o maior vai ser fechado agora com a conclusão do ciclo de 12 meses com gestação, recria e engorda”, explica Villela. A meta do produtor é chegar a mil matrizes.

Além do apoio da cooperativa Villela avalia que o curso do SENAR-PR oportunizou um aprendizado imensurável. “Quando você ingressa em uma nova atividade, você precisa ouvir quem tem experiência na área. A troca de experiências com os outros produtores que o curso proporciona é um conhecimento que não tem preço e não está em livro nenhum. Uma oportunidade extremamente enriquecedora”, afirma.

Mesmo com o planejamento ele não esquece uma filosofia que adotou na sua vida profissional: “Tudo que você faz tem que ser sustentável, por isso é preciso conhecer, estudar a atividade, avaliar o mercado futuro, riscos e investimentos mínimos necessários para daí então partir para a prática”.



“A qualificação profissional da equipe para mim é fundamental, pois espero que eles estejam atentos aos detalhes. São os detalhes que fazem a diferença”.

O produtor avalia que a ovinocultura é um investimento de médio e longo prazo e apesar de ser bem sucedido em outra área profissional confessa. “Ainda estou aprendendo as premissas básicas, por isso decidi inicialmente investir na raça texel, estabelecer seus indicadores e depois buscar outra genética. A qualificação profissional, o comprometimento e envolvimento também são fundamentais”, finaliza.



A equipe de funcionários com o produtor Marcio Villela

## Tratador baiano

O zootecnista Michel Basso também é responsável pelo treinamento dos funcionários Carlos, Pedro e Helmut que fazem o manejo dos animais. “Mas nem tudo é treinamento, a pessoa tem gostar do animal. A docilidade que vemos na “cabaña” é um reflexo do manejo que o animal recebe”.

Essa é a primeira vez que Carlos que veio da

Bahia, lida com ovelhas, em sua terra natal tratou de bovinos, bodes e cabritos, mas conta que não foi difícil se adaptar nem mesmo ao frio da região. “Já fiz mais de 100 partos desde que os animais chegaram à propriedade, alguns são mais difíceis, mas o importante é manter a calma e ajudar o animal”.

Na equipe de cuidados há também um integrante diferente: uma cachorra da raça labrador batizada de Lady, que cuida da segurança da cabaña à noite.



Animais no campo da Unidade de Genética de Ovinos da Castrolanda (UGO)

## Projeto Ovinos na Castrolanda

A cooperativa Castrolanda coordena toda a cadeia produtiva de ovinos, e garante ao produtor rural assistência técnica, insumos e comercialização. Com esse projeto a cooperativa garante também ao consumidor final um produto com qualidade e segurança alimentar.

Os animais enviados pelos cooperados para o abate tem peso médio de 40 kg de peso vivo e idade em torno de 100 a 150 dias. O cooperado recebe o preço base de R\$ 13,00/kg de carcaça, mas participa do resultado do setor no fechamento do ano na cooperativa.

“Além da produção de carne apresentamos aos cooperados a oportunidade de implantar o sistema de produção Integração lavoura- pecuária e utilizar as áreas de pastagens de inverno em alimento para os animais”, explica o coordenador do projeto de Ovinocultura da Castrolanda, Tarcísio Nicolau Bartmeyer.

Por ano são abatidos cerca de quatro mil cordeiros e o projeto tem uma taxa de crescimento anual de 20%. Um dos objetivos da cooperativa é aprimorar o processo de melhoramento genético do rebanho e para isso a cooperativa criou em 2013 a Unidade Genética de Ovinos (UGO), que tem hoje 330 matrizes. Na unidade são produzidos machos de cruzamentos das raças Texel e Ile de France e a meta é chegar a 500 matrizes.

Na UGO são selecionadas matrizes com maior habilidade materna, com ênfase em partos gemelares (gêmeos) e peso dos cordeiros na desmama. Atualmente os cooperados conse-

guem uma taxa de partos gemelares de 20% de matrizes, mas a meta é chegar a 50%.

Os produtos (matrizes e reprodutores) da unidade são disponibilizados aos cooperados para realização de teste de progênie para oferta de reprodutores provados no mercado.

Bartmeyer, o coordenador do projeto de Ovinos da Castrolanda explica que a turma do curso Negócio Certo Rural, do SENAR-PR, que Marcio Villela também participa, vai desenvolver os índices econômicos sobre a cadeia produtiva.

O abate dos animais é feito de forma terceirizada com o Frigoríficos Irmãos Nuzda, em Castro. O estabelecimento tem Serviços de Inspeção Federal (SIF), mas a cooperativa estuda a construção de um abatedouro próprio.

## Conheça as diferenças

|                      |   |
|----------------------|---|
| Ovelhas              | São fêmeas adultas/matrizes;  |
| Borregas             | São as ovelhas com idade entre 14 e 18 meses, que ainda não deram cria; |
| Cordeiro             | Machos até seis meses;  |
| Reprodutor/ carneiro | 18 meses  |



## Os novos desafios da Embrapa



Daniel Fazzari é engenheiro agrônomo e pesquisador em Soja na Embrapa.



Paulo Rossi é engenheiro agrônomo, diretor em Extensão e é do Sibrater da Embrapa.

Procuramos artigos discutindo que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) simboliza uma das conquistas mais valiosas da sociedade e dos Estados brasileiros. Após quatro décadas, a empresa tem um histórico claro de conquistas, associado à extraordinária transformação produtiva da agricultura do país, ainda que os regimes rurais tenham marcado por diversas contradições.

De um lado, a agricultura brasileira avança a maior produtividade entre todos os países com relevância agrícola. Eramos campeões mundiais de soja quando foi fundada a Embrapa, em 1973, mas atualmente exportamos uma variedade vasta de produtos para quase duas centenas de países. Em termos reais, o valor da soja fabricada já pode rivalizar, assegurando melhores vidas aos brasileiros. Por outro lado, a favela, sem dúvida, é e será decisiva elemento mundial de alimentos nos anos vindouros.

De outro lado, temos ainda muito a realizar. É possível que 40% das estabelecimentos rurais não tenham nenhuma chance de permanecer no futuro, pois não conseguem gerar receita superior à que pode ser obtida no trabalho urbano. Confrontado com importantes indicadores de pobreza rural, especialmente no Nordeste, cabe todo o Brasil um longo e árduo processo de avaliação. O regime rural cobra mais de 14%

de seus produtos, tornando a atividade agrícola cada vez mais onerosa. Essas são algumas das muitas barreiras empilhadas que talvez expliquem por que o campo está se esvaziando, empobrecendo e marginalizando – em todo o Brasil. “Tudo de madeira” para os críticos. Equamente grave é o fato de o empresário estar sendo academicamente substituído por mecanização e “produtividade” pelas migrações.

Além de muitos outros fatos que vão transformando os regimes rurais, a Embrapa deusa-se com muitos desafios, ainda sem respostas satisfatórias. Alguns são técnicos e outros, questões relacionadas ao fato de ser uma empresa estatal. Um desafio imediato decorre da histórica relação dialética criada pela agricultura, que produz internamente US\$ 1 bilhão (aproximadamente) nos últimos 25 anos. Diante dessa riqueza monetária, devemos questionar: foram utilizados para os sistemas agropecuários e pecuários a produzir tecnologia para os produtores, complementando o conhecimento diretamente com a Embrapa. Essa é uma verdadeira missão e, neste contexto, ainda é difícil se relacionar à empresa pública de pesquisa agrícola? Como desenvolver com as firmas e empresas e mercados. Então, o que fazer? Como não teremos relacionamento com as empresas privadas ligadas à agricultura, mercado e interesse público, a Embrapa possui parte seu lugar como uma das maiores da agricultura moderna.

12 | Boletim Informativo do Sistema FAEP nº 1272 | Fevereiro de 2014, 21 de agosto de 2014

# Os desafios da Embrapa e o resgate do Sibrater

Sr. Editor.

Julgamos oportuno comentar o texto “Os novos desafios da Embrapa”, da edição 1272. Especialmente o parágrafo em que cita a criação da Anater e as conexões com a Embrapa.

Trabalho na extensão há 40 anos. Acompanhei a evolução, o auge e a queda do Sistema Brasileiro de Extensão Rural (Sibrater). Este sistema, quando começou na década de 50, envolveu as lideranças dos produtores rurais e os três níveis de governo, com uma

“matriz de responsabilidade definida”- quem faz o que.

Eliminou paralelismos. Definiu responsabilidades. Integrou e fez sinergias. Evoluiu até consolidar-se na década de 70. O Sibrater no nível nacional coordenava o sistema. Fornecia parte dos recursos financeiros.

E, principalmente, fornecia as bases conceituais e a cultura organizacional. Quando vejo o que acontece com o SUS, que é uma tentativa de estruturar um Sistema Nacional e as suas dificuldades, penso no que tínhamos na extensão rural.

No governo Collor, foi extinto. A partir daí, cada Estado da federação seguiu um rumo. Os Estados do Sul, Minas e Espírito Santo, mantiveram suas organizações, com um mínimo de eficácia.

Porém a maioria dos Estados desestruturou tudo. Acabando com as Ematers. Colocando o serviço como um Departamento da Secretaria, etc. Cada Estado seguiu um rumo. Sem coordenação.

Perdeu-se uma cultura de dedicação e comprometimento. Perdeu-se recursos. Capacitação. Perdeu-se “referências”. Como Sistema, os melhores trabalhos de um Estado, eram “copiados” por outros. Perdeu-se um “sistema” construído em décadas de muita luta. Sabe-se que país desenvolvido é aquele que possui instituições fortes, eficazes, que cumprem com seus papéis.

Era o que tínhamos. E perdeu-se. O dirigentes da Embrapa tem razão nas suas preocupações. Não é porque a Embrapa possui uma imagem de eficácia, que vai transferi-la para a extensão via Anater. Isto já foi tentado. Sem resultados. São atividades muito diferentes. Com perfis de profissionais diferentes.

Trabalham com horizontes de tempo diferentes. Penso que o grande papel que a Anater deve assumir é procurar resgatar o papel do antigo Sibrater. Seja “coordenar” um Sistema nacional. Buscar sinergia. É o que precisamos.

**Antonio Celso C.Souza.**



## Erramos e pedimos desculpas

Na edição 1273 deste BI foi publicada matéria sobre a máquina do lapar dedicada à recuperação de pastos localizados em áreas de declive. Numa das fotos estão o secretário Eloi Cassol e o presidente do Sindicato de Guaraniuaçu Mauri Antonio Alamini, respectivamente (ao lado).

À espera da legenda identificando os personagens ocorreu um lamentável equívoco na identificação de Cassol, erro pelo qual nos penitenciamos perante ele e leitores.

## CAMPINA DA LAGOA



## Panificação/Per

Confira os cursos realizados pelo Sindicato de Campina da Lagoa: Produção Artesanal de Alimentos - Panificação, nos dias 30 e 31 de julho, com a participação de 15 produtoras rurais, e o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami. Em 06 de agosto foi concluída mais uma turma do Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris - Empreendedor Rural, em Altamira do Paraná. A turma foi organizada em parceria entre o sindicato e a Prefeitura. Participaram 25 produtores com o instrutor João Carlos Leonello.

## CASCAVEL



## Declaração do ITR

O Sindicato Rural de Cascavel informa aos produtores interessados que o Departamento Fundiário da entidade está fazendo a declaração do Imposto Territorial Rural (ITR) 2014. O prazo de entrega se estenderá até 30 de setembro. Para fazer a declaração, basta que o produtor apresente os documentos dos imóveis ou a declaração do ano anterior.

## CIANORTE



## Geleias

O Sindicato Rural de Cianorte realizou, nos dias 04 e 05 de agosto o curso de Produção Artesanal de Alimentos – Conservação de Frutas e Hortaliças, geleias. Participaram 13 produtoras com a instrutora Silvia Lucia Neves. O presidente do sindicato, Domingos Vela, participou do encerramento.

## JANDAIA DO SUL



## Geleias

O Sindicato Rural de Jandaia do Sul realizou em sua extensão de base, no município de Marumbi, em parceria com o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), o curso Produção Artesanal de Alimentos, conservação de frutas e hortaliças - geleias, doces de corte e doces pastosos. As aulas aconteceram nos dias 10 e 11 de julho para 15 produtoras, com a instrutora Maria de Fátima Bueno Bittencourt.



## MANDAGUAÇU



### Floricultura

O Sindicato Rural de Mandaguaçu em parceria com o Conselho Municipal de Assistência Social realizou em sua extensão de base, no município de Ourizona, em 06,07 e 08 de agosto, o curso de Trabalhador na Floricultura – básico. Participaram 10 produtores e produtoras rurais, com a instrutora Maria de Fátima Cavalheiro Marcondes.

## MARIALVA



### Primeiros socorros

O Sindicato Rural de Marialva realizou em parceria com a Usina Vale Renuka Ivaí, em São Miguel do Cambuí, o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho - primeiros socorros. Foram duas turmas, a primeira nos dias 05 e 06 de agosto e a segunda nos dias 07 e 08 de agosto, com o instrutor Fernando Jodas Gonçalves.

## SÃO JOÃO



### Inclusão digital

O Sindicato Rural de São João em parceria com o Centro de Referência em Assistência Social realizou no período de 18 a 21 de agosto, o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris - inclusão digital - básico 16 horas. Participaram nove produtores rurais com o instrutor Vitor Arlindo Camozzato.

## SÃO JOSÉ DOS PINHAIS



### Soja

O Sindicato Rural de São José dos Pinhais realizou na comunidade rural Costeira do Cupim, nos dias 04 e 05 de agosto, o curso Produção Artesanal de Alimentos - beneficiamento e transformação caseira de oleaginosas - básico em soja. Participaram do curso 10 produtoras rurais, com a instrutora Dionéia Paraná.

# Uma simples foto



Sabiá na banheira de boneca. Foto de Patricia Wiciuk | Rebouças - PR  
Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br) com seu nome e endereço.

# Teu futuro

O velho vai no médico e pergunta:  
- Dr. será que eu estou perdendo a memória?  
- Já respondi essa pergunta ontem!

Como faz um monte de velhinhas gritar “Merda”?  
**Resposta:** É só gritar “Bingo”!

O médico atende o paciente idoso e milionário, que estava usando um revolucionário aparelho de audição e pergunta:  
- E aí, seu Almeida, está gostando do aparelho?  
- É muito bom! respondeu o velho.  
- E a família gostou? pergunta o médico.  
- Não contei para ninguém ainda...  
- Mas já mudei meu testamento três vezes!

# Haja água

O volume de água do rio Amazonas é três vezes maior do que todos os rios dos Estados Unidos. É possível detectar água doce, no Oceano Atlântico, a 160 quilômetros mar adentro.

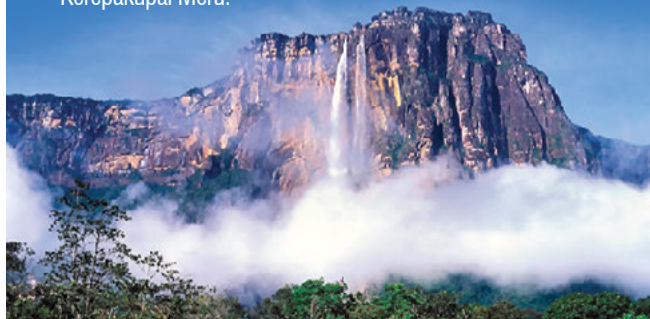


# Grandão rejeitado

Maior avião de passageiros do mundo, o Airbus A380, com capacidade de 525 passageiros, em três classes, e 853 passageiros, em única classe, enfrenta o problema de desistência de compradores e ainda o fato de que a maioria dos aeroportos do mundo não tem condições de recebê-lo. A Airbus S.A.S e a EADS Systems, gastaram em torno de 12 bilhões de euros (uns R\$ 36 bi) para seu desenvolvimento.

# A mais alta

A catarata Salto Angel (Santo Anjo), no Parque Nacional Canaima, na Venezuela, é a cachoeira mais alta do mundo. Com 979 metros é 12 vezes mais alta que as Cataratas do Iguaçu, cujas quedas d’água chegam no máximo a 80 metros de altura. Seu nome homenageia Jimmy Angel, um piloto americano que foi o primeiro a sobrevoar o local, em 1933. Bronqueado com isso, o então presidente Hugo Chávez e seu bolivarismo decidiu renomeá-la, em 2009, e agora a catarata também recebe o nome indígena de Kerepakupai Merú.



# Ela é laranja

As caixas pretas dos aviões são obrigatoriamente da cor laranja. Em média, uma caixa-preta utilizada por aviões comerciais tem 13 cm de altura por 12 de comprimento, podendo pesar cerca 5 kg. São feitas com uma liga de titânio e resina, a caixa suporta temperaturas de até 1.100° C.





## O maior

O município de Qaasuitsup é o maior do mundo e está na parte da Gronelândia pertencente à Dinamarca. Tem uma área de 660.000 km<sup>2</sup> maior que a Espanha ou a França, ou mais de três vezes o território do Paraná. O maior município brasileiro é Altamira (PA), com mais de 159 mil km<sup>2</sup>.



## Diferença

Por que, ao se ferver, o leite derrama, ao contrário da água? Ocorre que, no caso da água, as bolhas de vapor sobem para a superfície e estouram sem encontrar nenhum impedimento no caminho. Já no leite há substâncias, como proteínas e gordura, que não permitem que as bolhas passem e estorem.



## Homens do fogo

Em meados de 1763, no Rio de Janeiro, foi criada uma repartição para extinguir incêndios e em 2 de julho de 1856, pelo decreto imperial nº 1.775, foi criado o Corpo de Bombeiros Provisório da Corte. Quando ocorria incêndios eram os sinos das igrejas que avisavam a população e os bravos “homens do fogo”.



## Papa sem mordomia

O Palácio Episcopal do Vaticano tem 5 mil quartos, 200 salas de espera, 22 pátios, 100 gabinetes de leitura, 300 banheiros e dezenas de outras dependências destinadas a recepções diplomáticas. Mas o Papa Francisco dispensou esse aparato todo e mora na modesta Casa Santa Marta, se transferindo para o Palácio apenas a serviço e audiências.



## Quer experimentar?

O restaurante mais caro do mundo é o Sublimotion, em Ibiza (Espanha) e acomoda apenas 12 clientes de uma vez. O restaurante usa projeções nas paredes que podem te levar aos lugares mais diferentes do mundo, tudo a escolha do cliente. Os 20 pratos de refeição gastro-sensorial pretendem provocar uma experiência emocional, uma experiência que pode ou não pode incluir chorar ao receber a conta de US\$ 2.000.



# O FUTURO QUE NOS ESPERA

A revista Time revelou que mais de 90% das ocupações hoje conhecidas desaparecerão ou serão totalmente modificadas nos próximos 15 anos. As responsáveis são terceirização, a Internet e as facilidades proporcionadas pela informática, além da pressão do tempo e da natureza destruidora da competição. Eis algumas pistas do que nos reservarão as próximas décadas.

## As profissões do futuro

**Ciber-fazendeiro** – Os agricultores e fazendeiros do futuro vão plantar produtos e criar animais que tenham sido geneticamente desenvolvidos para produzir proteínas terapêuticas. Trabalhos já em andamento incluem tomates com vacinas e leite medicinal obtido diretamente de vacas, ovelhas e cabras.

**Engenheiro de tecidos** – Com a pele sintética já no mercado e a cartilagem artificial em desenvolvimento, daqui a 25 anos os cientistas serão capazes de produzir um pâncreas, corações, fígados, etc., a partir de clones.

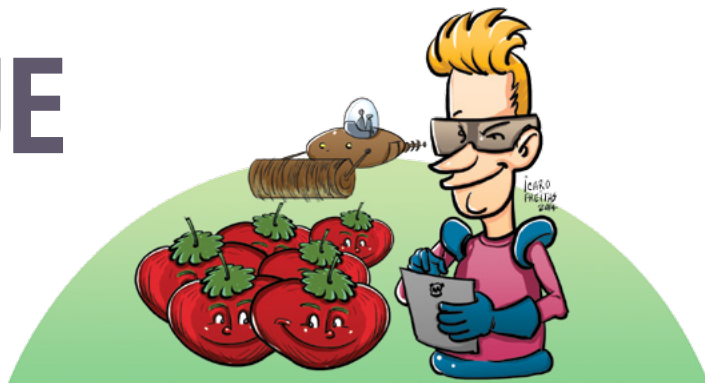
**Programador de genes** – O mapeamento digital do genoma permitirá aos médicos criar receitas personalizadas, com genes e moléculas “inteligentes” para prevenir uma variedade de doenças.

**Monitor de alimentos** – Com a genética, será possível definir o tamanho dos peixes para render mais carne, ou desenvolver frutas que mantenham as características de produtos frescos mesmo quando guardadas em freezers.

**Garimpeiro de dados** – Quando o volume dos bancos de dados ficar enorme, gurus da pesquisa estarão a postos para extrair informações utilizáveis da montanha de dados.

**Ator de realidade virtual** – Os programas de televisão serão feitos a partir da interação dos telespectadores, e os atores de ciber-novelas desempenharão papéis de acordo com a vontade dos telespectadores.

Publicitários para segmentos – Os comerciais vão ser produzidos de modo



a praticamente capturar a atenção do telespectador com o uso de aromas e sabores, remetendo a mensagem diretamente para o cérebro do cliente.

**Engenheiros do conhecimento** – Pesquisadores de inteligência artificial transformarão as especialidades e talentos de uma pessoa em softwares. Depois podem até deletar a pessoa.

## O que vai desaparecer

**Corretor, vendedor de automóveis, despachante, carteiro, agente de seguros** – A Internet vai erradicar intermediários aos milhões.

**Estenógrafo** – Os profissionais remanescentes da estenografia funcionam em tribunais, e ainda em muitos escritórios. Os softwares sofisticados de reconhecimento de voz devem tomar o lugar deles em breve.

**Faxineiro** – As casas passarão a ser limpas por um sistema de vácuo e aspiração (terceirizado, é claro).

**Pai** – Entre a fertilização in-vitro e clonagem, os pais se tornarão dinossauros. Mães também, com a invenção do útero artificial.



## Nossaaaaa!!!

### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Responsável \_\_\_\_\_

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)